

A Maçonaria é uma Religião.

Prof. Drd. Cídio Lopes de Almeida
Doutorando em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES

ALMEIDA, C.L. A Maçonaria é uma Religião? (Ensaio). São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/maconaria-e-uma-religiao>. Acesso em: (dd/mm/aaaa)

Neste breve texto reflexivo e de opinião objetivo apenas desenhar um esboço para questões que parecem resolvidas e com isto propor um novo olhar. A ideia problema é que os adeptos da maçonaria, numa perspectiva amadora e de adeptos, se limitam em dizer que a sociabilidade que fazem parte não é uma religião. Evocam habitualmente a ideia de que é uma filosofia de vida. Pelo que nossa provocação referenciada nas Ciências das Religiões propõe outro olhar, já como contribuição profissional a este fenômeno social de larga escala entre nós brasileiros que é a Maçonaria.

O século XIX

Muito do que seja a maçonaria enquanto fenômeno social foi estabelecido no século XIX. Compreender as dinâmicas macros daquele século tem sido necessário para se compreender a maçonaria como fruto daquele tempo. Foi a época da sociologia de Émile Durkheim (1858 – 1917), ou, para além de uma pessoa, época em que a sociedade tinha demandas, as quais foram tematizadas não só por ele, mas por vários outros. Portanto, os temas refletiam certos problemas sociais em tela. Foi também a época do positivismo de Augusto Comte (1798 – 1857), a quem se atribui inclusive o emprego do termo sociologia pela primeira vez. Ademais, seu interesse sobre este tema específico pode ser verificado na obra *Religião da Humanidade*, que é uma ideia de uma religião civil, sem os vínculos habituais com aquilo que se compreendia como religião no contexto europeu.

No campo mais das Ciências das Religiões, Max Müller também faz avanços importantes sobre o tema dos estudos científicos sobre a religião. O termo surge nas suas produções em 1867 e 1870 com elabora a sua *Introdução à “Ciência da Religião”*. Outra

referência para os Estudos de Religião na chave científica é Rudolf Otto (1867- 1937), autor da obra seminal “*Das Heilige*”, (*O Sagrado*).

Responder se maçonaria é ou não uma religião, ou um novo movimento religioso deísta, implica conhecer este debate especializado do século XIX que se estende aos nossos dias. Do contrário, tende-se a praticar um curioso caso de etnocentrismo religioso, que persiste ainda hoje entre os próprios adeptos desta filosofia de vida, quando não entre os próprios historiadores profissionais deste fenômeno social.

Antimaçonaria e Anticlericalismo

Adiantando um pouco sobre o que seja essencialmente a Maçonaria, temos que trazer para o debate o fato que a Maçonaria surge em 1717 (simbólica) ou 1721(de fato) na sua estruturação enquanto uma organização social com certa formalização jurídica. Modelo que será posteriormente ampliado do ponto de vista da quantidade de adeptos e presença em variados países ocidentais. Após esta fundação, já em 1731 terá seu primeiro ato de perseguição. Um Estado exarou seu primeiro decreto de condenação/perseguição deste novo movimento. Dito de outro modo, nesta data o Monarca (Papa) Clemente XII, chefe supremo dos Estados Papais e líder máximo da Religião cristã “Católica Apostólico Romano” - ICAR (um Teocrata), profere um decreto (*Bula In Eminentis*) em que condena este movimento. Num resumo, a justificativa do Monarca (Papa), expressa no decreto, assinalava que este grupo “parecia” atuar contra a ICAR e os interesses dos Estados Papais. E nesta chave de um poder estabelecido, coloca a Maçonaria como anticlerical. Ao conceber inicialmente que a Maçonaria era contrária a ICAR e aos Estados Papais pelos seus princípios (Filosofia Natural e Iluminista), justifica-se outro movimento, o de perseguição à Maçonaria. Pelo que os historiadores denominam de um amplo movimento de antimaçonaria.

Devemos lembrar que este Estado mantinha um Tribunal penal de alcance transnacional. Também conhecido como Inquisição (Tribunal do Santo Ofício) e que só teve fim em 1831 (285 anos) e que o mesmo foi utilizado para julgar maçons em variados lugares, em especial nos Reino de Espanha, onde tal instância foi muito ativa.

A antimaçonaria aqui se justificou partindo de duas linhas de pensamento. Considerando que os maçons aderiram à Filosofia Natural (Física), enquanto nova fonte de dizer sobre o que é real, neste campo havia a destituição do Magistério da ICAR. A segunda linha foi no âmbito do poder Estatal, domínio em que a Maçonaria era adepta das ideias Iluministas e que o poder do Estado deveria ser laico. Dito ainda de outro modo, o pensamento liberal propunha a

separação do poder religioso do civil. Propunha o Estado laico, pelo que nesta chave a Maçonaria atuava contra os interesses da ICAR/Estados Papais.

Por causa desta peleja da ordem temporal, como dizem os teólogos, em que o liberalismo, enquanto vaga de pensamento, restringia o poder terreno deste modelo teocrático, podemos então falar em anticlericalismo e ao mesmo tempo em antimaçonaria. Contudo, estes termos são parciais. O liberalismo em geral e os maçons em particular, não eram contra a religião, muito menos “ateus”, como foram acusados. Suas ideias de educação laica, educação para todos, Estado laico, não carregava em si uma defesa de que não haveria um “Grande Arquiteto do Universo”, que é no geral o mesmo conceito/ideia do deus cristão. Ademais, estas ideias não eram exclusivas de um grupo, mas um movimento cultural bem amplo, pelo que é limitado pensar que foi a Maçonaria sozinha a fazer acontecer tudo o que hoje chamamos de Estado Moderno.

Porém, o século XIX foi o de total derrocada da I.C.A.R. enquanto instituição que mantinha a fusão entre o religioso e o governo estatal. Teve que se adequar à realidade social que acabou por consolidar ao menos três esfera da vida social, isto é, a religião teve que se contentar com a fatia da vida privada da sociedade civil. Podendo se fazer presente na esfera pública da sociedade apenas na medida em que sua ação colabore para o bem público em geral e não apenas aos seus interesses. Este novo cenário às vezes é atribuído à Maçonaria, valendo-se de fatos caricatos. Um Giuseppe Garibaldi (1807 – 1882), enquanto membro de uma organização maçônica e ativo nas guerras de unificação dos reinos italianos a partir de 1848, que implicaria no fim dos Estados Papais, tem sido usado, entre outros, como álibi para sustentar certo *antimaçonarismo*.

Numa esfera pouco explorada, com nos adverte *Pierre Boutin(1999)*, em causa dos embates estava uma filosofia natural de Newton, membro da Academia Real de Londres, e amigo de Desaguliers, um dos formatadores da maçonaria em Londres dos anos 1720. A peleja mais essencial está nesta disputa de ideias, de posturas epistemológicas, entre um aristotelismo-jurídico-teológico, e uma nova epistemologia, moderna. Este é o verdadeiro embate a ser estudado. E que no geral os historiadores das ideias, os filósofos, ignoram solenemente. Sendo problematizado por *Steffen Ducheyne (2023)*, nos fornece bem acurado panorama sobre a bibliografia do divulgador científico *Jean Théophile Desaguliers (1683 – 1744)*.

Neste quadro desenhado por nós, a maçonaria é uma religião baseada em filosofia e toda sua disputa com a I.C.A.R. foi justamente por disputarem um mesmo campo (Bourdieu). E seu fundamento tem sido a filosofia natural e o iluminismo, que procuraram em certa medida

retomar aquela experiência da Grécia antiga, na qual Jaan-Pierre Vernant (Mito e Religião na Grécia Antiga) muito bem problematiza a questão do que seja mesmo uma religião.

A maçonaria é uma religião por uma série de expedientes, (uso de símbolos, certos procedimentos rituais, certas estratégias pedagógicas, etc), mas a recepção desta ideia em nossos dias pelos adeptos soa estranha na medida em que *dialetizaram* contra uma Igreja dominante. E isto foi por mais de dois séculos e com muito sangue. Esta luta mortal para muitos, gerou certa memória difusa de não querer ser religião, pois é se assemelhar ao seu algoz. Nesta chave é que faz certo sentido não querer ser tratado como religião. Contudo, superado esta peleja, coisa que é possível em nossos dias, pode-se pensar a maçonaria como fenômeno religioso. Sem achar que isto implica parecer aquela outra religião que se procurou divisar. O expediente de recorrer ao controverso termo “religião (*religare, religeo, res-legeo*, etc), como a ideia de que não há um rito ou dogma, além de simplista e amadora, passa ao largo desta fortuna literária especializada acima aludida.

Os nossos dias

Em nossos dias podemos dizer que a ICAR avançou na ideia do governo do mundo e no governo das coisas religiosas. O Concílio do Vaticano II, enquanto momento já no contexto do Estado/Cidade do Vaticano, tem ao menos respeitado as soberanias dos demais Estados e não tem como proposta perseguir a Maçonaria. O Tratado/Concordata do Estado do Vaticano com outros Estados soberanos, como o Brasil, não tem pretensões de proibir a Maçonaria.

A antimaçonaria em nossos dias está mais para sua vertente cultural. Aquelas outras a que nos diz o historiador *Ferrer Benimeli* (um padre jesuíta), a Estatal e Religiosa/Teocrática, não temos visto nos contextos dos Estados Modernos e do ocidente. Salvo os governos autoritários (de esquerda ou de direita), que será objeto das nossas reflexões noutra momento.

Ainda nesta face cultural da antimaçonaria, este processo acaba contando com a colaboração dos próprios maçons, na medida em que por falta de estudos acurados das suas próprias tradições, perpetuam ideias, jargões (tal como associar bode a maçonaria), que em nada justifica para uma sociabilidade baseada em Filosofia de Vida. A este propósito temático, a *REHMLAC+ - Revista de Estudios Históricos de la Masoneria* lançou um importante número no janeiro deste ano (2023) a tratar o tema.

A Maçonaria como estruturalmente urdida pelos ideais liberais, que são partidários da democracia e dos modelos de governança democrática, não conspiram contra este modelo de governança, muito menos contra o direito de cada pessoa em cultivar sua religião. Pelo que

enquanto efeito colateral, não atuam no sentido de propagar na esfera cultural ideias contrárias às instituições no seu interior. A ICAR como parte importante do *antimaçonarismo*, pode ser convidado em nossos dias a pensar os pontos comuns entre as Instituições. Em resumo, partilham uma mesma ética, que se desdobra numa ideia comum de justiça social, do respeito da dignidade humana e dos temas da ecologia, do cuidado desta casa comum.

A Maçonaria e a ICAR estão ainda no mesmo campo ideológico quanto a posição contrária aos extremismos de todo lado, mas sobretudo contra o atual extremismo de direita.

Por fim, é preciso arquitetar em nossos dias uma agenda de perdão mútuo. Precisamos elaborar no sentido psicanalítico do termo estas nossas profundas cicatrizes históricas, reconhecendo nossos limites históricos, como nossos acertos, pelo que podemos celebrar como diferentes em nossos dias.